



*Histórias - Viver para Contar*  
*Contos Terroríficos*



*Escola Estadual de Educação Profissional*  
*Joaquim Antônio Albano*

**GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ**

**GOVERNADOR**

Camilo Sobreira de Santana

**VICE-GOVERNADORA**

Maria Izolda Cela Arruda

**SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO CEARÁ - SEDUC**

**SECRETÁRIA**

Eliana Nunes Estrela

**SECRETÁRIO EXECUTIVO DA EDUCAÇÃO**

Rogers Mendes

**EX-SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DO CEARÁ**

Idilvan Alencar

**CÉLULA DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES  
EDUCACIONAL**

Paulo Venício Braga de Paula

**SEFOR (SUPERINTENDÊNCIA DAS ESCOLAS DE FORTALEZA)**

**COORDENADOR DA SEFOR II**

José Eduardo Nobre Maia

**SUPERINTENDENTE DA SEFOR II**

Sâmia Parente Leite Luz

**EEEP JOAQUIM ANTÔNIO ALBANO**

## **DIRETORA**

Mírian Bezerra Rosa Evangelista

## **COORDENADORAS ESCOLARES**

Ana Paula de Melo Miranda

Monique Marambaia dos Santos

Raimunda Margareth de Oliveira

## **AUTORIA E ORGANIZAÇÃO**

Meire Rejane dos Santos Farias

Ana Paula de Melo Miranda

## **PROFESSORES COLABORADORES**

## **MULTIMEIOS**

Maria Elizabeth Carvalho Castro - História

Eduardo Vinícius Alves dos Santos - Filosofia

## **ÁREA DE LINGUAGENS E CÓDIGOS:**

Lívia Nara de Sousa Oliveira - Língua portuguesa

José Jânio Lopes da Silva - Língua portuguesa

Marcos Antônio Gonçalves de Melo Júnior - Inglês

Wilton Lima Pinto - Educação Física

## **ÁREA TÉCNICA:**

Carlos Alberto Barbosa - Segurança do Trabalho

## **FUNCIONÁRIO**

Alisson Félix de Souza

## **ALUNA**

Emmyle Moraes de Lima

Rebeca Rodrigues Vasconcelos

**À GUIA DE APRESENTAÇÃO**

Nesses tempos de pouco interesse pela atividade intelectual voltada para a leitura da obra literária; nesses tempos de acendrado apego aos instrumentos audiovisuais, por força persuasória dos meios de comunicação de massa; nesses tempos dos diálogos-monólogos mudos, em que se instaura a solidão coletiva, contexto em que o homem prefere comunicar-se com os meios eletrônicos em detrimento dos vis-à-vis com seu semelhante; nesses tempos de estereotipia na interpretação do mundo, ditada pelos aparelhos ideológicos de Estado; nesses tempos de muita falação e quase nenhuma reflexão; nesses tempos em que se produz um tipo de literatura de consumo, que não instiga a reflexão, mas tão só a diversão; qualquer convite à mudança, ao inédito, ao criativo é sempre bem-vinda, é sempre bem acolhida.

Por isso, merece carradas de encômios a iniciativa da Escola Estadual de Educação Profissional Joaquim Antônio Albanoem promover atividades escolares visando ao interesse pelo binômio leitura/escritura. A partir de um projeto desenvolvido pela professora Meire Rejane dos Santos Farias, foram os alunos incitados a produzir o texto, abeberando-se, em primeiro lugar, na leitura do conto terrorífico; e, em segundo, visitando cenário inspirador para produzir, cada um, a seu gosto e preferência, seu “conto” no mesmo diapasão daquela temática. A moçada não titubeou, soltou a imaginação, deixou transparecer a influência de algumas leituras, bem como de narrativas filmicas hodiernas, de regra, inspiradas em romances da moda, os famigerados “mais vendidos”.

Chegaram a nós vinte narrativas à moda conto: um só núcleo dramático, reduzido número de personagens, espaço estreito, tempo cronológico e quase ausência de densidade psicológica. Isso seria o desejável e pertinente à natureza do conto, bem diferente do romance e da novela, que permitem maiores largueza e espraiamento no que tange àqueles elementos.

Não se pode exigir dessa moçada conhecimento mais aprofundado desse gênero literário pelas razões já expendidas em lugar próprio; ademais, o manejo dessa narrativa requer atividade intelectual intensa, vivência com autores que alcançaram excelência do gênero, a começar por Machado de

Assis, Guy de Maupassant, Anton Tchekhov e José Maria Eça de Queirós, bem como talento e exercício constante. Leitura e escritura são atividades que caminham passo a passo, não se excluem para aquele que desejar exercer um certo domínio nos segredos do idioma e, sobretudo, na arte de escrever.

Fosse este escriba indagado sobre os textos ora em apreço, ele diria que se abandonem todas as frívolas veleidades e todos os assomos da tola vaidade e se enverede pela iniciativa de dar continuidade ao espírito do projeto.

À moda fecho, reitero que o projeto tem sua beleza e validade e, a nosso aviso, deve continuar.

Resta-nos desejar a todos nele empenhados êxito nos seus desideratos.

Hugo Martins

Professor da Universidade Estadual do Ceará - UECE

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os alunos da Escola Estadual de Educação Profissional Joaquim Antônio Albano, pela participação e envolvimento no Projeto de Leitura e Produção Histórias – Viver para Contar. Sobretudo aos alunos autores pela determinação frente a produção deste trabalho.

À professora Ana Paula de Melo Miranda, coordenadora pedagógica, com quem compartilho a atividade docente e as maravilhas da Língua portuguesa.

À equipe gestora na pessoa da diretora, Mírian Bezerra Rosa Evangelista, pelo apoio incondicional para a concretização deste projeto em todas as etapas: o contato com gênero fantástico, a casa e a produção escrita.

Ao professor Hugo Martins, pela guisa de apresentação.

Ao João Inácio Júnior e toda a sua equipe, pelas dádivas: a reportagem da casa mal-assombrada com o cenário inspirador para a produção dos contos; a participação da escola em seu programa para divulgar o projeto; a cobertura da reportagem da TV Diário na visita dos alunos ao casarão de Água Verde, Guaiuba; o vídeo da viagem na internet que correu o mundo.

Aos pais, na pessoa do humorista renomado Hiran Delmar, pelo brilhantismo e show de humor na abertura do projeto, contando a sua história de vida para a nossa comunidade escolar e criando outra dentro da temática trabalhada.

A todos os parceiros deste trabalho, professores, empresas, Prefeitura de Guaiuba, a salutar comprovação de que a troca interdisciplinar potencializa formas de criar, planejar e implementar projetos.

Meire Rejane dos Santos Farias

Professora

Índice	Página
Jonas Lwhan Ferreira - O Poço da Morte	9
Leysa Clemente da Silva - A Casa de Porty	13
Júlio César - O Casarão da Meia-noite	17
Meire Rejane dos S. Farias - O Casarão de Guaiuba Às Seis	20
Nacília Emiliano Monteiro - Os Mistérios da Casa Abandonada	24
Cindy Paula Rodrigues Conrado - Uma Ligação Anônima	27
Saulo Rodrigues Monteiro - Casarão Babaquara	31
José Wadson de Sousa Bonifácio - Conto Fantástico	36
Isabella Nunes Ribeiro - Casarão Suspense	37
Flávia Cristina - Mil e Uma Mortes	42
Wesley Soares Ramos - Seis, Meia Seis	45
João Levi Viana Tavares - As Crônicas de Norberto	47
Gabriel Rodrigues - E Vocês Precisam Experimentar	56
Katharynna Gama - A Casa Mal-assombrada	64
Antônia Bruna do Nascimento - A Excursão	68
Ana Letícia Estanislau - A Maldição do Casarão	71
Isabelle Nunes Ribeiro - As Quatro Marias	73
Lucas Mota Rodrigues - A Casa Mal-assombrada	75
Ramon dos Santos Mesquita - Medo	77
Ramon dos Santos Mesquita - Medo - O Beco Escuro	79

## O POÇO DA MORTE

De repente, encontrava-me morando na mansão gloriosa de Guaiúba com tudo que podia trazer-me vigor de viver. Casada com o médico americano, o doutor Kassadin, considerado gênio perante a sociedade americana. Com ele tive uma filha, que recebeu o nome que o pai fez questão de escolher, Luna Blear.

O casarão era patrimônio de minha família, diga-se de passagem, um imóvel glorioso, imponente em sua arquitetura, estilo neocolonial, do século XIX, oitenta e uma portas, dois andares e construído numa elevação com as benesses do reflexo da luz solar ao entardecer. Era nesse horário que ele apresentava seus atores invisíveis e seus fenômenos sobrenaturais de arrepiar do pé a cabeça.

Em julho de 1914, eu completava seis anos de casada e não imaginava o que estava por vir. Nesse ano, iria conhecer a eterna e verdadeira dor. Meu marido chamou os escravos que moravam conosco e ordenou:

- Quero que vocês preparem uma grande ceia com aquele ritual folclórico dos costumes afros.

Nessa comemoração, o que parecia um dos momentos mais felizes de minha vida, acabou se tornando um dos mais tristes. Durante a ceia, Kassadin falou:

- Minha amada, eu preciso anunciar a você e aos demais aqui presentes que fui convocado para a guerra, que começou em 28 de julho, como chefe da área médica de campo. Peço-lhe perdão desde já por essa cruel informação exatamente no dia do aniversário do nosso casamento.

Nesse momento, comecei a sentir o amargo na boca. Parecia uma despedida. Aqueles escravos tinham um profundo respeito pelo meu marido e ficaram chocados com a notícia. Apesar da Carta Régia que os libertou desde 1888, eles eram leais e ainda trabalhavam só por comida e moradia. Eram os guardiões da mansão, dormiam nos cubículos localizados no segundo andar.

Duas semanas depois, o doutor foi para o centro de aviação do Rio de Janeiro e partiu em direção à Espanha para um acampamento militar do qual ele foi o líder.

Coincidentemente, no mesmo período, um pássaro agourento pousava no terreiro da casa ao meio-dia no tronco de um pé de jurema, piando loucamente. Esse episódio durou muitos dias. Eu disse a mim mesma que isso era um mau presságio.

Quando menos esperei, o Correio bateu em minha porta para entregar uma correspondência. Uma carta que dizia:

- Minha querida, eu e o americano Herman estamos comandando oitenta mil homens. Está difícil aqui. As pessoas estão se matando por interesses políticos e econômicos. Quero que você

saiba que se acontecer algo comigo, a minha família receberá mensalmente 6 mil dólares. Uma parte do dinheiro é para os empregados se manterem pelo resto da vida.

Fiquei fora de mim após ler a missiva. Entrei em pânico. Tentei rezar a Deus e pedir ajuda, mas o meu estado emocional não permitia concentração. À noite, ao deitar-me, vi um vulto. Na minha santa e doce ignorância, eu deduzi.

No mês seguinte, chegou uma carta preta para mim com o carimbo dos aliados e nela estava escrito:

Agradecemos os serviços prestados pelo seu marido, mas com muita tristeza, comunicamos que o campo o qual ele liderava foi bombardeado, portanto, o mesmo foi vítima fatal. Pedimos...

Era uma manhã de agosto quando recebi a comunicação. A mansão parecia cada vez mais vazia. Aquelas oitenta e uma portas assombravam-me. Aquele vazio trazia-me dor. Agora sem meu marido, meu único norte era a Luna, minha amada filha. Ela gostava de brincar nas imediações de um poço que parecia não ser tão profundo. Certa vez, ela me falou:

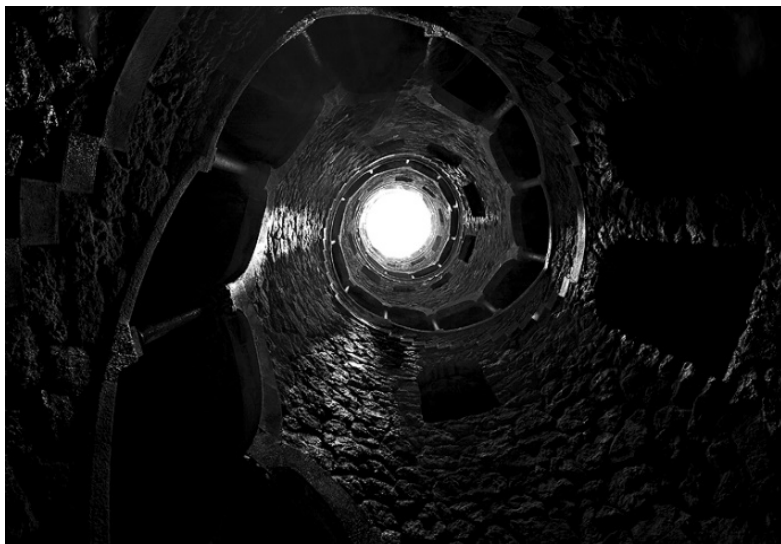
-Mamãe, tinha alguém lá no poço que falava comigo. A voz dizia que o papai ia morrer na guerra. Que ia cair uma bomba e matá-lo.

Depois desse ocorrido, parei de ler. Sem chão, chamei a minha filha para próximo de mim. Ela estava brincando há uns dez

metros depois do poço. Ao ouvir o meu chamado, veio correndo, mas, coitada, caiu dentro dele. Corri para tentar salvá-la e ao olhar para o fundo do poço percebi que a chance de ela ter sobrevivido era mínima. Mesmo assim, amarrei uma corda na cintura para descer e resgatar seu corpo, quando escutei uma voz lá de dentro da água. Essa voz não era da minha criança. Então, peguei a corda envolvi em meu pescoço e pulei. Tirei a minha vida. Hoje vago pela casa, atormentando as pessoas que a visitam. Eu as chamo para o poço.

Jonas Lwhan Ferreira

2º ENFERMAGEM



**Imagem da Internet**

## A CASA DE PORTY

Foi um longo período de viagem, cada um foi com seu grupo, escutando músicas diferentes. O destino era a velha casa no interior da cidade de Porty.

Marcell acompanhou a turma, Samantha era quem dirigia e, com isso, acabou adiantando um pouco a história sobre a casa, onde costumeiramente passava suas férias quando sua avó era viva. Ela falou:

- A casa tem mais de cem anos, foi construída conforme o estilo da época, neocolonial e bem arquitetada com diversas entradas, oitenta e uma portas, até agora não desvendadas. Todos que a visitavam ficavam assombrados, ao mesmo tempo vangloriados com sua estrutura.

Marcell, em tom irônico, afirmava que as histórias assombrosas eram inventadas e contadas pelos próprios moradores do lugar e que passavam de geração a geração desde sua construção. Mas ele reconhece que o fato de esta ter sido edificada em um local ermo e isolado contribuía para as más notícias de aparecimento de vultos, almas e outros.

As pessoas que estavam ouvindo o rapaz acabavam achando que a história de terror contada pela população tinha um fundo de verdade, uma vez que era comum ver visitantes desmaiando e outros

passando mal ao permanecerem no local, pois tinham escutado por boca de outros. Com tantos mistérios atrelados àquele local, essas férias seriam bem lúdicas. Ao menos era o que Ana, uma companheira de viagem, achava.

Assim que a turma chegou, retirou a bagagem do carro e se reuniu na entrada em frente às portas principais, esperando a acolhida do caseiro que saudou a todos com expressões cordiais:

Boa noite! Sejam bem-vindos!

Na entrada, havia três portas como um vão de arco pleno e, na parte de cima, viam-se três portas retangulares que permitiam a visão para um matagal que, pelo tempo, unia-se com o próprio terreno da casa. Eram visíveis também alguns espelhos espalhados nas paredes dos corredores, que por sinal estavam embaçados. As janelas dos quartos tinham o formato arcado e por elas se podiam observar os matos, árvores de pequenos portes que deixavam a noite mais sombria e delicada.

Ana ficou retraída e de cabeça baixa em uma das janelas e alguém perguntou:

- Menina, você está bem? - Ela nada respondeu. Parecia não ter escutado.

Depois de algum tempo, ela deu retorno dizendo:

- Engraçado, tenho a sensação de já ter estado aqui. Isso me deixa intrigada por não me lembrar de quando e com quem.

De repente, ela ficou assustada com uma coruja que passou rapidamente piando no céu e uma rajada de vento forte, jurou ter escutado algo ou alguém lhe chamando ao longe. Mas era Samantha que apareceu para avisar que já era tarde e estava na hora de dormir. No meio da noite, Ana acordou dizendo que estava com pesadelos e lapso de memória.

Ela, que dividia o quarto com algumas amigas, tentou acordá-las para pedir ajuda, contudo desistiu e procurou dormir novamente. No decorrer daquela mesma noite, continuou tendo muitos pesadelos, aliás, os mesmos quando tinha onze anos. E era esta casa que via em seus sonhos.

Depois que tudo passou, Ana contou o pesadelo para os colegas:

Estranho, uma cigana com bola de cristal lia o seu destino, e um anjo com um pergaminho nas mãos convidava-a para assiná-lo. De início se recusou, ficou assustada e saiu de perto deles, contudo, continuaram a insistir e, ela parou e assinou.

Em certo momento, via um casarão ao longe, um ambiente bem arborizado e que possuía um caminho de pedras que levava até a residência. O tempo permanecia ameno, somente com uma breve neblina que cobria o local. Teve receio e não entendia tudo aquilo, mas mesmo assim foi em frente.

Estava parada, observava ao redor, quando, de súbito, um anjo apareceu do seu lado; virou-se e olhou para cima, ele perguntou por que fez aquilo e novamente, não entendeu. O que ela fez? E por que tomou tal atitude?

Acordou um pouco alvoroçada, sentiu um leve vento passando em seu rosto. Avistou algo vindo em sua direção. Era um homem que se aproximava cada vez mais. Quando percebeu, ele já estava sentado em sua cama e começou a sussurrar:

- Dessa vez não escapará do seu destino, devolverá o que nos pertence, Ana...

De súbito, saiu voando pela janela. Ela pulou abruptamente da cama e olhou para o céu não avistou nada além de uma bela lua cheia descansando em seu berço sombrio e a velha coruja pairou sobre sua janela como se soubesse que o novo ciclo se iniciara.

Leysa Clemente da Silva

2º ENFERMAGEM



## O CASARÃO DA MEIA-NOITE

Viajei, por lugares andei, pessoas conheci e perguntei. A história que vou contar agora é sobre uma casa que não é simplesmente uma casa normal com famílias dentro. Trata-se de uma residência desabitada por pessoas físicas, porém ela não está vazia. Nela vivem espíritos de outro mundo que exatamente à meia noite de toda lua nova, vêm para espantar e assustar todo tipo de vida humana que ali quer estar porque para eles a casa é um porto seguro que os esconde também de outros espíritos.

Então, tudo o que eu sabia era que o seu Cavalcante, o dono da Mansão de Água Verde, em vida, tinha um plantio de café, algumas cabeças de gado e certa quantia em dinheiro guardada em um baú no celeiro a sete chaves que só ele sabia.

Dizem as más línguas que ele tinha as coisas porque pagava uma “merreca” aos apanhadores de café na época da colheita, como também vendia o produto clandestinamente. Fugia do pagamento do imposto, o que era muito comum nesse período. Com isso, os operários da messe praguejavam o patrão, dizendo que, quando ele morresse, seu espírito ficaria vagando porque tinha muito o que pagar.

O Tempo passou, e o seu Cavalcante morreu. Depois de sua morte, sua mulher encontrou um bilhete dentro da caderneta que ele anotava suas receitas, despesas e o saldo, que dizia:

- “Abra o baú que está no celeiro”.

Sua mulher, Maria da Glória, imediatamente foi abrir o baú e, para sua surpresa, a quantia encontrada era o seu pé-de-meia para o resto da vida. Ela que tantas vezes olhou para aquele objeto com ar desprezível, achando que nele só tinha cacarecos.

Dona Maria não se conteve e começou a contar a história do bilhete, pediu segredo, sobretudo às pessoas em quem ela tinha confiança. Só que, em pouco tempo, a notícia se espalhou, e Maria da Glória passou a ser identificada como a viúva rica do baú.

Numa certa noite de verão, com clima abafado, a viúva acordou sobressaltada, com respiração ofegante, abriu os olhos e percebeu que a janela do seu quarto estava aberta. Aproximou-se da janela com o coração acelerado e afastou a cortina para ver algo que se movia na varanda.

Na varanda, a cadeira de balanço se movia num ritmo cadenciado. Então a senhora se aproximou, sentiu um calafrio percorrer seu corpo, apesar do calor daquela noite. Chegando bem perto, a cadeira parou de balançar. Ela pensou em correr para o quarto, mas a porta principal se fechou com grande barulho. Com o impacto, a coitada caiu ao pé da escada do casarão. Apesar de

atordoada e assustada, ela ouviu vozes que saiam da castigada plantação em frente da casa mal-assombrada.

A viúva se levantou e buscou entender o que as vozes diziam. Na verdade, entre lamentos e choros abafados, ela identificou a voz do seu falecido marido que dizia:

- Minha querida, estou aqui para quitar a minha dívida.

Dona Maria, com os olhos arregalados, disse:

- Meu velho! Meu amor, você não deve mais nada, descanse em paz!

Seu Cavalcante respondeu:

- Minha amada, aproxime-se, nada tema!

Aproximando-se do matagal, Dona Maria da Glória foi bruscamente puxada para dentro dele por mãos fortes, tentou gritar em vão, porém ainda ouviu a última frase do seu falecido marido:

- Meu amor, você vem comigo! Eis o fim da minha dívida!

O silêncio encheu o lugar. No casarão, apenas o relógio se movia, badalava a hora certa: meia-noite.

Júlio César - 1º Segurança do Trabalho

Imagem – Emmyle Moraes



## O CASARÃO DE GUAIUUBA ÀS SEIS...

Ao cair da tarde de uma sexta-feira, a esperada brisa soprava e os agricultores voltavam das lavouras, das roças. As andorinhas se aninhavam nos galhos das árvores. Os morcegos faziam seus voos rasantes, festejando a noite. A coruja na cumeeira do casarão, de olhos arregalados, observava tudo à sua volta, e as famílias de Guaiuba recolhiam-se para jantar a sagrada sopa de feijão, o cuscuz com leite, a tapioca com café e até mesmo o baião-de-dois com carne de sol e paçoca.

Hora do Ângelus, hora aberta e santa em que os anjos dizem amém. Os fantasmas que atuavam em casarões abandonados, deteriorados, ganhavam forças e começavam a agir com gritos, risadas e sons de horror.

Dona Violeta, que morava nas imediações da casa mal-assombrada, percebeu que, nesse horário, passavam em seu terreiro, com frequência e às escondidas, dois senhores conhecidos, Cavalcante e Jaya. Ela pensava:

- Estão eles atrás das botijas de ouro que o povo conta que estão enterradas ali? Que outros tesouros? Algum extraterrestre estava de encontro marcado com os dois? Homem casado frequentando ambientes suspeitos pode ser também traição, casos amorosos.

Resolveu segui-los. Só os avistava encostados numa das portas de entrada da casa, apavorados, cabelos tesos como estacas, queriam correr, mas não conseguiam, pois suas pernas pareciam estar travadas. Passava aquele momento, ambos dali se retiravam sem nada comentar.

No dia seguinte, as mesmas horas e lugar lá estavam eles. Só que dessa vez chamou atenção de outras pessoas que também quiseram saber o que acontecia naquela casa grande, centenária, sombria, misteriosa, de oitenta e uma portas, de uma arquitetura privilegiada, estilo neocolonial, localizada numa curva perigosa, com os fundos virados para a CE 060, no distrito de Água Verde no município de Guaiúba, na rota do café.

Um casarão mal-assombrado? Eles responderam que sim e confessaram que todos os dias, às seis da tarde, desde que morreu uma mulher enforcada por ter perdido seu único filho. Ouviam-se gemidos, barulhos de portas abrindo, pisadas, gente conversando, ambientes e objetos pegando fogo, cães uivando nervosamente.

Existiam outras histórias que Dona Violeta contava:

- Durante o dia, algumas pessoas que ali entravam viam vultos, almas. Dizia o povo que essas visagens estavam penando no outro mundo porque deixaram botijas enterradas, potes cheios de moedas e pedras preciosas. Então para se salvarem tinham que dar a

alguém, bem como se ouvia barulhos diversos e até a batida da mão de pilão, pilando o milho para fazer o cuscuz.

Ela contou esses “causos” para muita gente. O fato é que a notícia correu a cidade. Então, as beatas intensificaram o ofício da Imaculada Conceição, pois passaram a rezar diariamente. Seu Francisco, o sapateiro, achava que o barulho que se ouvia podia ser da batida dos ferros usados no seu ofício. Dona Mariquinha, a rendeira, suspeitava que o ruído dos bilros de sua almofada, ao tecer as rendas artesanais, podia estar acarretando todo esse mal-estar. O prefeito dizia que era uma provocação do povo para que aquele espaço abandonado, construído no século XIX, fosse revitalizado. E Raimundo, o coveiro, tomando suas boas doses de pinga, afirmava que já estava acostumado com assombração. O certo é que cada habitante de Guaiuba procurava uma justificativa para os fenômenos sobrenaturais do casarão.

Então, o senhor Cavalcante, que muito curioso estava, resolveu adentrar sozinho aquele recinto antes das seis horas. Ele se deparou com muitas salas estranhas, sujas, nomes de pessoas falecidas escritos nas paredes, nomes e desenhos satânicos, o número 666, da besta fera, pichações. No piso, velas vermelhas, pretas, uma estrela de cinco pontas, feitiçaria, coisas de arrepiar. Teve o pressentimento que estava sendo seguido e experimentou a sensação de desmaio. Porém, tinha que subir as escadas e percorrer todo o

espaço de cima. De repente, olhou para o relógio que marcava seis horas, lembrou-se que era noite de lua cheia, então não contou de um até três, saiu correndo, deixando para trás o casarão.

Meire Rejane dos Santos Farias

Professora de Língua portuguesa

## OS MISTÉRIOS DA CASA ABANDONADA

Os fatos que vou contar-lhe são sobre uma casa misteriosa e assustadora, onde ninguém tinha coragem de entrar. Quem ousou entrar jamais saiu. As pessoas que moravam nas proximidades diziam que ela tinha uma lenda e por isso aconteciam muitas anormalidades. Outros que passavam por perto se aterrorizavam com os gemidos que ao longe escutavam.

Ao entardecer, um jovem de 15 anos por nome Felipe jogava bola em frente da casa. Como era novo na região, não sabia nada sobre os mistérios dela. Até que certo momento da brincadeira ele deu um chute muito forte na bola e esta acabou caindo onde não devia.

Ele, sem saber o risco que corria, acabou entrando na casa para pegar sua bola. Quando começou a procurar, escutou um gemido vindo do porão. Bastante corajoso foi até lá para ver quem estava gemendo tanto. Mas não conseguiu ver nada, só ouviu os gemidos.

Finalmente, Felipe achou um interruptor que poderia estar com defeito, mas quando se virou para saber de onde vinha aquele som tão penoso, avistou uma menina de costas, vestida de branco, sentada no chão, chorando. Ele, ao se aproximar, ela começou a gritar. O rapaz ficou apavorado e foi se afastando devagar até a escada, tentando fugir daquela situação e, quando tentou subir o

primeiro degrau, a garotinha se virou. Seu rosto estava totalmente deformado como se alguém o tivesse cortado e costurado todo.

Felipe, aterrorizado, não acreditava no que via. A menina se aproximava e ele estava imóvel, não mexia um músculo, era como se estivesse preso no chão por uma força sobrenatural. Quando percebeu já estava cara a cara com a alma penada. Apesar do desespero, ele notou que a angústia a invadia por algum motivo e ia arriscar falar algo, mas desistiu. De repente, saiu da boca da criança em tom de voz baixo e suave:

- Você não devia ter entrado aqui, sobretudo, nesse horário. Já devia saber o que falam sobre esse casarão abandonado, agora não vai mais sair daqui vivo.

Ao escutar aquilo, o rapaz ficou fora de si e não sabia o que dizer ou fazer. Por pensamento, ele implorava: - Por favor, não me mate, eu não sabia de nada, só vim pegar minha bola que caiu aqui.

A menina revelou ao jovem que estava presa por uma maldição e que teria que matar todos que adentrassem a casa, pois sua família tinha sido cruelmente morta por um maníaco e até hoje estava buscando vingança.

No momento em que esse episódio acontecia, um relógio antigo, coberto de teia de aranha, no alto de uma parede badalava seis horas. Felipe inclinou sua cabeça e disse: - Amém.

Depois das seis horas, o jovem pôde livrar-se de tamanho pesadelo. Cabisbaixo, pegou sua bola e deixou o casarão que de abandonado não tinha nada.

Nacília Emiliano Monteiro  
2º ENFERMAGEM



Imagem - Internet

## UMA LIGAÇÃO ANÔNIMA

Uma ligação anônima informava que haviam encontrado um corpo em uma casa abandonada. Fui com uma viatura para o local. Fiz uma breve investigação e não havia ninguém além do corpo. A princípio tudo indicava suicídio. Nas redondezas, não morava ninguém, a residência mais próxima ficava cerca de um quilômetro.

Decidi saber um pouco mais sobre o local e suas imediações já que tinha assumido o cargo de delegado há pouco tempo e não conhecia aquela região muito bem. Descobri que existiam três casos arquivados sem um estudo minucioso, e estes tinham a conclusão prévia de suicídio.

Tomei a iniciativa então de falar com alguém que trabalhava ali há mais tempo. O escrivão era a pessoa mais antiga na delegacia local. Então perguntei:

- Geraldo, eu estava verificando as ocorrências da casa abandonada e, encontrei três evidências de crimes, todos com a mesma suspeita de suicídio. Você sabe algo a respeito?

- Sim, já é a quarta pessoa encontrada morta naquela casa.

- Eu não entendi como deram por encerrado crimes tão suspeitos. Todos os inquéritos instaurados foram muito superficiais. Por que será?

- O antigo delegado disse que não valia a pena fazer novas investidas na busca dos culpados, uma vez que já é esperado esse tipo de crime em ambiente dessa natureza.

- Isso é muito estranho. Mas, obrigado, Geraldo.

Fui ao banco de dados da delegacia e consegui o endereço do antigo delegado. Achei que seria bom saber da sua opinião sobre essas atrocidades. Bati na porta e ouvi uma voz dizendo "só um instante". Em seguida, uma mulher apareceu.

- Bom dia! O senhor Marcos se encontra?

- Oi! Quem é o senhor?

- Sou o novo delegado e gostaria de conversar com ele sobre a situação da violência nessa cidade. Ela então abriu a porta para que eu entrasse e me pediu que sentasse.

- Vou chamá-lo.

Após alguns segundos, ele desceu e se sentou na poltrona.

- Em que posso ajudá-lo?

-Olá, senhor Marcos! Eu gostaria de obter algumas informações de uns crimes antigos que foram encerrados sem uma resposta convincente.

Nesse pouco tempo de conversa, o antigo delegado se mostrou dissimulado e muito nervoso, ficando cabisbaixo o tempo todo, situação esta que aumentou ainda mais o mistério em torno dos acontecimentos.

Entreguei-lhe o envelope com os devidos questionamentos, ele leu, balançou a cabeça e afirmou:

-Sim, lembro-me dos suicídios do casarão.

-Para você ter uma ideia, ontem aconteceu o quarto homicídio nesse mesmo local.

- Ouvi falar. Mas é assim, essa casa é ponto de referência para a prática de atos absurdos.

- Mas algumas coisas me deixaram intrigado. Eu acho muito estranho encerrar três processos dessa natureza, sem um estudo mais profundo.

- Cheguei à conclusão de que não valia mais a pena insistir na solução de questões indissolúveis.

- Outra coisa que me chamou a atenção é a periodicidade da ocorrência dos crimes que aconteceram de seis em seis meses.

- Isso não muda nada.

-As quatro vítimas eram mulheres, e todas foram assassinadas com o mesmo requinte de crueldade.

- São detalhes que não mudam muita coisa.

- Estes pormenores fazem toda a diferença!

Ele se mexeu na poltrona, olhou no relógio e disse:

- Desculpe-me, queria muito poder lhe ajudar, o fato é que já tenho minhas conclusões. Trata-se de um problema complexo

que envolve, sobretudo, educação, coisa que essa gente desconhece. Com licença, preciso apanhar meu filho na escola.

- Só um momento. Então, quer dizer que o senhor apurou os fatos, fazendo as diligências. Procurou ouvir as pessoas citadas nos autos, verificou os jornais da cidade e os arquivos policiais com fotos do local das ocorrências e visitou a casa em horários registrados na ficha policial?

É, o colega de profissão pareceu ter “culpa no cartório”. Das duas, uma, ou as mulheres eram casos amorosos, “rabos de saia do delegado”, ou ele era a assombração da casa abandonada. Por essa, eu não esperava.

Cindy Paula Rodrigues Conrado

1º ENFERMAGEM



Imagem - Internet

## CASARÃO BABAQUARA

Era por volta de 1890, durante o primeiro governo dos Ravioly aqui no Ceará, quando foi construído o que seria um empreendimento para a saúde mental. Uma obra que iria encher os bolsos dos coronéis e oligarquias que controlavam o poder neste Estado. Na época, Ravioly foi elogiado tanto pelos governistas, quanto pela oposição por estar se preocupando com a saúde mental dos cearenses. Ele batizou o lugar de Casarão Babaquara de Água Verde, situado no município de Guaiúba.

Logo iniciaram as obras de construção. O Babaquara contava com um salão principal, vários quartos na parte superior e inferior, ala médica e outros cômodos. Alguns deles de acesso restrito, como o necrotério dos experimentos. Ravioly delegou o cargo de inspetor geral do Babaquara ao médico Dr. Hugo Strange. O objetivo do Casarão era cuidar dos insanos mentais, porém por debaixo dos panos o Dr. Hugo conduzia uma série de experimentos para o controle mental dos pacientes, e o principal patrocinador dessa experiência era o próprio Ravioly. Strange conduzia uma série de torturas nos pacientes, desde tratamento de choque até recortes no cérebro.

Ravioly visitava periodicamente o casarão, pois estava interessado nas técnicas de controle mental, para comprar sua

reeleição. Strange tinha desenvolvido uma terapia de choque que transformava os pacientes em meros zumbis que obedeciam a tudo que o torturador dissesse.

Logo ele foi convertendo um a um seus pacientes em escravos. Porém houve uma falha com um deles. Seu nome era Vladimir e foi enviado ao sanatório após ter matado sua própria mãe por não temperar devidamente a comida. Ele sofria de distúrbios agressivos, nos quais o tratamento não podia penetrar.

Para concluir seu experimento, o médico teve que descobrir a causa do mau funcionamento de sua terapia de choque. Ele passou um longo período investigando as causas, pois estava intrigado com o caso. Logo descobriu que a causa principal foi que o sujeito era desprovido de sentimentos, não tinha motivos para viver nem para amar. Talvez o remédio que precisasse fosse alguém que despertasse o amor em seu coração.

O médico não viu alternativas e teve que apagar o paciente que apresentou falhas em seu tratamento. Ele fez parecer um suicídio, pois Vladimir apareceu enforcado numa corda no próprio quarto. Levaram o corpo para o cemitério da cidade e lá o enterraram. Após alguns meses, Strange vendeu seu experimento aos órgãos de saúde do governo. Qualquer doença no Ceará estava sendo tratada com a milagrosa terapia de choque, até mesmo dor de cabeça. Portanto, ele conseguiu conquistar a reeleição e um marco histórico aconteceu,

foram eleitos 100% dos deputados governistas neste Estado, quando os Ravioly não tinham mais oposição.

A terapia de controle das massas foi um sucesso e o Casarão Babaquara de Guaiúba foi queimado, para ninguém desconfiar do que aconteceu naquele local. As torturas e os atos desumanos foram esquecidos na história. Havia alguns cearenses que não foram controlados pelo governo e constantemente denunciavam os atos ditatoriais e censuras que ocorriam. A denominação desse grupo era Custodes de Lumine. Guardiões da luz, se preferir. Trataram de investigar a educação do Estado e nenhum indício de doutrinação ideológica eles encontraram. Nem as propagandas de rádio, nada.

Parecia mágica que um governo ditatorial tivesse tanta popularidade assim. Logo eles acharam um caso que despertou interesse, o Sanatório, que foi incendiado pelo governo. Porém o incêndio do casarão não tinha ficado para trás, pois a queima de arquivo não foi completa. Quando foram investigar a morte de um dos pacientes, o Vladimir, cavaram seu túmulo, não acharam corpo nem ossos. Apenas um baú cheio de papéis em branco e um bilhete que dizia:

“- Eu já tive oportunidade de fugir desse inferno. Certa vez, consegui ter acesso a sacada do prédio com um amigo. Se nós pulássemos alto o bastante, conseguiríamos alcançar a sacada de outro prédio logo na frente. Meu amigo pulou, mas eu estava com

medo. Ele apontou para mim a luz de uma luminária e disse: - “Vamos, não precisa pular, apenas ande por essa luz que está sendo refletida e você chegará aqui”. Eu era louco, mas não o bastante para acreditar naquilo. Voltei para o sanatório e perdi as esperanças. Não me importava mais com emoções, só queria conhecer a morte. Mas pelo meu sofrimento e de todos os meus companheiros deixo aqui uma charada para vocês descobrirem a verdade sobre esse local”.

Logo atrás do bilhete estava escrito:

O que um homem poderoso tem que controlar nas pessoas para se perpetuar no poder?

Dica: Ele é o defeito dos loucos e os apaixonados não usam muito bem. A resposta era óbvia, a mente.

Os Custodes de Lumine tinham achado a maior pista, porém não conseguiriam provar o envolvimento de Ravioly naquele caso. No baú de Vladimir estava escrito:

“- Aes formae especulum est, vinum mentis”. Isso era um ditado em latim que significava: “No espelho, vê-se o rosto; no vinho, o entendimento”.

Então, eles pegaram os papéis, puseram em um espelho, mas nada apareceu. Porém, quando derramaram vinho, a tinta começou a surgir e logo foram se revelando os planos do Dr. Strange em conjuntura com o governador. O mistério foi descoberto e não demorou muito para o efeito do tratamento de choque acabar. Essa

era uma ótima oportunidade para a denúncia, o caso repercutiu nacionalmente e o presidente da época exilou Ravioly e toda sua família para a Sibéria. Quanto ao Dr. Hugo Strange, nada foi feito e ele continuou sua carreira profissional.”

Saulo Rodrigues Monteiro

2º INFORMÁTICA

## **CONTO FANTÁSTICO: O CASARÃO MAL- ASSOMBRADO DE GUAÍUBA**

Localizado no município de Guaiúba, um pouco afastado da cidade, havia um casarão abandonado onde se conta que acontecem coisas fora do normal, fatos em que ninguém acreditaria se contados apenas pelos estudantes. A aventura começou quando o colégio teve a iniciativa de planejar e escrever um projeto para a visitação do devido local, e isso só foi possível acontecer porque os alunos tiveram a coragem de enfrentar essas assombrações que tanto falavam. Tudo começou com a reportagem da casa mal-assombrada, exibida pelo apresentador da TV Diário, João Inácio Junior.

Uma professora estava trabalhando e fazendo pesquisas na internet quando viu uma notícia sobre essa casa mal-assombrada. Curiosa, ela leu sobre a matéria escrita e cada vez que ia lendo, mais ela se interessava. Passaram-se uns dias e ela curiosa nessas histórias que contavam, tomou a decisão de criar um projeto. Como ela era uma simples professora, não podia fazer o trabalho sozinha, então teve a ideia de apresentá-lo para a coordenação do colégio. Levou pouco tempo para o projeto ganhar vida. Quando contaram para os alunos, todos se animaram e queriam ir, mas precisava da permissão de seus pais. Então a coordenação da escola não perdeu tempo e

comunicou aos pais. Havia relatos de assombrações, portas batendo, janelas rangendo.

O dia chegou, e os alunos já estavam a caminho da casa. Lá chegando encontraram um guia que os ajudou, orientando a divisão dos grupos. Eles se espalharam pelo casarão em dupla. Uma das duplas tinha visto uma parte do espaço pegar fogo e saiu gritando:

- Fogo, fogo...

Todos foram olhar e nada tinha acontecido. Tudo estava em seu devido lugar. Poucos minutos depois, outra dupla achou uma passagem secreta e chamou o resto da turma para ver. A passagem era funda, e não se via nada de tão escura. Um dos alunos se atreveu a entrar para saber o que tinha lá. O curioso deparou-se com vários cadáveres e peles de animais. No mesmo instante, ele gritou:

- Socorro! Socorro! Alguém me tira daqui!

Jogaram uma corda, ele subiu e um colega perguntou:

- E aí o que era que tinha lá em baixo?

Ele baixou a cabeça e não disse nada, mas o colega continuou a insistir e fez a mesma pergunta:

- O que era que tinha lá dentro que você, o mais corajoso da turma, teve tanto medo?

Ele não respondeu. Então decidiram levá-lo para fora para respirar um pouco, quando estavam chegando perto da saída, a porta se fechou sozinha. Todos ficaram assustados e tentaram abri-la, mas

esta estava emperrada. O guia da expedição avisou que tinha uma passagem pelos fundos e perguntou:

- Vocês têm coragem de ir até lá?

Na mesma hora, a professora e os alunos responderam que não dava mais para ficar naquele lugar. A cada passo que davam, ouviam e enxergavam coisas. Ouviram barulho de portas e janelas rangendo. Viram rastros de pegadas. Mas só quem ficou dentro do casarão foi a professora porque os alunos e o guia procuraram sair. A cada minuto que se aproximava da saída o medo aumentava. Alguns perguntavam se iam sair dali vivos, outros nem tinham mais esperança de sobreviver. O guia dizia que o que estava se passando, acontecia com muita frequência.

Quando finalmente saíram do casarão mal-assombrado de Guaiúba, não esperaram nem um minuto, entraram no ônibus e voltaram imediatamente. Chegando à escola, o menino ainda estava em estado de choque e não dizia uma só palavra, enquanto os outros estavam tentando esquecer aquele dia assustador.

José Wadson de Sousa Bonifácio  
1º INFORMÁTICA

## CASARÃO SUSPENSO

O ônibus parecia não chegar, pois já estávamos muito perto do casarão quando começaram a aparecer umas placas estranhas, assinalando o nosso retorno antecipadamente. Tínhamos a impressão que era ilusão de ótica.

Ao chegar ao caminho que conduz até a casa mal-assombrada, observamos que havia muito mato, então uma jovem por nome Louise ficou tresvariada e pulou nesses matos, ficando sumida por alguns instantes. Por trás do matagal, descobrimos uma areia movediça que parecia sugar as pessoas. Ficamos desesperados, mas, mesmo assim, prosseguimos.

Na porta de entrada, havia um mordomo que não queria deixar entrar, mas o nosso forte e corajoso amigo Alisson pegou e deu um chega para lá nele. Na frente, ia a Ana Paula, a mulher maravilha do grupo e a comandante Mírian.

Dentro do casarão, deparamo-nos com um caixão de múmia balançando, quando, de repente, ouvimos forte voz que dizia:

- Monique, ah se eu te pego!

Todos nós rimos e acabamos não descobrindo de quem era aquela voz. Ficamos olhando uns para os outros, achando que poderia ser um inquilino do passado, uma alma penada, que ainda estava vagando ou alguém desconhecido que queria acabar a nossa aventura.

Ao final da sala, avistamos uma escadaria. De imediato, tentamos subir, porém não deu, pois existiam ali uns marimbondos gigantes com cara de gente e gente familiar, pareciam com a Beth, o guia da viagem. Por sinal, havia muitos Bethes. Ficamos apavorados, mas, para a nossa felicidade, a superpoderosa Valéria, bruxinha do bem, surgiu com sua vassoura encantada e varreu todos os “marimbethes”.

A partir daí, subimos para o segundo andar e levamos um susto com muitas portas no chão. Sabemos que sempre tem uma pessoa no grupo amostrada, espilicute. E essa era um educador físico por nome Wilton que, em uma dessas portas, apareceu vestido de vampiro, cheio de cacoetes, gestos desordenados e começou a emitir sons e gemidos:

- Ai, ai, ai...

O moço caiu desmaiado e logo foi socorrido pelo seu amigo Vinícius que andava com um kit de primeiros socorros. Do outro lado, estava o Zé Alves que tremia feito uma vara verde. Uma reação até normal para uma pessoa que via o outro cair quase em seus pés. Ele ficou indagando, por que mais um no grupo tresvariado?

Eram várias portas e quem as conhecia era a Meire, a misteriosa mulher de cor de olhos diferentes, boca preta, cabelos louros e curtos, uma vampira que sabiamente só mordia as pessoas que estavam dispersas no ambiente. Como não conhecíamos nada

daquele universo, colocávamos sempre a nossa frente uma cobaia, uma boa isca por nome Jânio, um reizinho mandão que falava demais, era preciso dizer:

- Cala a boca!

- Ele respondeu:

Cala boca já morreu e quem manda na minha boca sou eu.

Depois de algum tempo, Wilton acordou ainda desorientado sem saber onde estava e falando que tinha sido transportado para Marte, tinha visto ETs. Todos nós gargalhamos e o deixamos aguardando enquanto terminávamos de conhecer aquele labirinto de cômodos estranhos que pareciam esconder Deus sabe o quê.

De repente, houve um apagão e ouvimos vozes, gritos. Por sorte, apareceu a Fabiana com uma “superhipermega” lanterna e assim conseguimos sair da casa.

Mas, Chegou a hora de retornar e lá ficou o casarão de Água Verde com seus mistérios a desvendar.

Isabelle Nunes Ribeiro

1º INFORMÁTICA

## MIL E UMA MORTES

Os raios de sol entravam pela janela, clareando o quarto. Batidas na porta e a doce voz de uma mulher, sua mãe.

- Emilly, querida, venha tomar seu café da manhã.

A loira acordava. O corpo doía, podia sentir algum peso sobre si. Peso? Que peso? Olhou rapidamente e viu. Havia feito novamente. A substância vermelha era prova disso.

Mas, onde estava o corpo?

“Que merda!” Ela pensou. Precisava manter a calma e livrar-se das roupas sujas de vermelho. Tudo bastante rápido.

Seguiu para o banheiro, trancando-se ao entrar. Arrependeu-se amargamente. Na banheira, encontrava-se o corpo, sujo de sangue, com cortes profundos. Os cabelos cobrindo o rosto num estado verdadeiramente deplorável.

Sentiu-se enojada. Não acreditava que elas haviam feito novamente. Um arrepio lhe percorreu o corpo, fazendo-lhe perder suas forças, caindo sentada no chão. Aquilo estava desconcertando-a novamente. Cabia sempre a Emilly a “sujeira” que elas faziam durante a noite.

Emilly era forte. Mas, até mesmo para ela, aquilo era demais. Ergueu as mangas da camisola, aproximando-se do corpo. O que deveria fazer? Desmembrar e jogar os pedaços em cada canto da

cidade, como o cadáver 104? Ou seria melhor esquartejar em pedaços mínimos e dar aos cães do vizinho, como fizera com o corpo de número 907? Seria melhor queimar numa grande fogueira, no meio da floresta, como fez com o cadáver de número 318?

“Eis a questão!” - Pensou. E o pensamento levou-a a outra dúvida, de quantos cadáveres elas já haviam se livrado? A resposta não lhe era clara. Emilly deixou o corpo esperando mais um pouco e sentou-se no chão gelado do banheiro. Lembrou de que tudo havia se iniciado aos treze anos, quando perdera o pai. Mas como elas tinham entrado em sua vida mesmo? Bem, isso não importava para Emilly. Pois elas a haviam salvado quando estava perdida e sozinha. Então, a moça era extremamente agradecida.

Escutou novamente a voz da mãe. Estava sem tempo. Esconderia o corpo primeiro, depois livrar-se-ia dele por completo. Ergueu-se rapidamente, avançando para pegar o corpo em seus braços. O corpo pesava e Emilly descobriu isso ao senti-lo sobre si, jogando-o no chão do banheiro. O que mais desesperou Emilly não foi o fato de ter um cadáver sobre si, mas o fato de ver o seu rosto naquele cadáver.

Ela fechou os olhos com força. Desacreditava de tudo. Que brincadeira era aquela? Por que com ela? Sentiu-se flutuar, lentamente abriu os olhos. Estava em seu quarto, deitada na cama, mas Emilly não era Emilly.

Viu-se destruir-se no espelho. Viu-se ferir-se com a tesoura. Ouviu a mãe gritar, mas ignorou. Seu corpo seguia para o banheiro, mas ela não fora junto. Escutara os próprios gritos de raiva e o pedido mudo por carne... Fresca, de preferência.

Sentiu uma dor aguda no peito. Ah! É verdade! Ela havia se matado. Emilly havia posto um fim nelas e em sua loucura, bem como em suas outras personalidades. As outras Emillys que antes a haviam salvado deram fim a sua vida.

Riu consigo mesma do escárnio. Ela tomou a decisão extremista de matar-se. Então, por que se sentia tão triste? Tão machucada?

- Pelo menos eu não sinto dor, disse rindo enquanto deixava cair as lágrimas. Como poderia? Eu estou morta. E sentiu-se partir. Emilly e elas, Emilly e as outras Emilly.

Se você está perguntando sobre: Quem sou eu para contar-lhe essa história tão trágica, deixe-me apresentar-me. Chamo-me Emilly. Já fui Emilly Campbell, Emilly Evans, Emilly Jackson... Agora, Sou Emilly, a garota de mil e uma identidades, que se viu morrer mil vezes em seus delírios de loucura, surtos esquizofrênicos e agora se suicida como prova da morte de sua milésima primeira morte. Então, a notícia da milésima morte da loira se espalhou pelos sete cantos do inferno. E esta seria sua última morte.

Flávia Cristina 1º EVENTOS

## SEIS, MEIA SEIS

O barulho era ensurdecedor, já não se podia falar, gritou-se com rapidez, venceram as várias palpitações do coração. Com cautela, saiu do ônibus o grupo de jovens que queria visitar uma mansão, muito mal-assombrada, segundo o guia da viagem.

Todos desceram para conhecer a casa e, depois de aproximadamente 6 minutos, encontravam-se na sala de estar e sentaram-se para escutar uma história do guia. Contou ele que vivia na casa uma linda garotinha de nove anos, muito sorridente, feliz e simpática, o que estranhava a todos que moravam nas redondezas era que essa menina vivia sozinha e sempre que recebia visitas, soltava uma risada incontrolável e barulhenta. Nesse momento, todos se assustaram, mas logo se acalmaram a pedido do guia.

As horas iam passando e já se aproximavam às seis da noite. Quando a história estava prestes a acabar, uma risada atrás da outra abalava o ambiente novamente, mas a narrativa tinha que continuar... Essa menina foi adotada por uma família muito rica e toda noite dormia abraçada com sua nova mãe, porém abraçando-a de costas. Passaram-se seis dias, a garota amanheceu morta, e a parede do quarto riscada em sangue. “Não só as crianças sabem abraçar”. A turma de jovens ficou espantada e pediu para retornar, até que o guia se virou e começou a rir estrondosamente e disse:

- Todos que saíram da casa sobreviveram seis dias contados. Até hoje não se vê nenhum sobrevivente desta história, e diz a lenda que o sexto a escutar este conto terá o mesmo desfecho. Eu fui o quinto.

Wesley Soares Ramos

2º ENFERMAGEM



Imagem - Internet

## AS CRÔNICAS DE NORBERTO - A MULHER DE BRANCO

Era sexta-feira à tarde, o sol estava a pino, tinha acabado de almoçar e estava deitado na rede escutando música, quando, de repente, meu telefone celular tocou, acabei me assustando com tanto barulho e desespero do celular. Atendi, era Marcos, grande amigo meu:

- E aí, Nô, tudo beleza contigo?

- Tudo, Marcos! Manda a boa.

- Rapaz, eu e uns colegas ouvimos, em um noticiário local, a história sobre um casarão, na verdade uma casa daquelas do tempo do ronca, mal-assombrada. Existem vários relatos de aparição lá. Nós estamos pensando em ir para lá e queríamos que você fosse também, o que você acha?

- Mas é claro, estou no grupo!

Desliguei o telefone. Eu e Marcos gostávamos muito desses lances de paranormalidade e parapsicologia. Nós já tínhamos ido a outras casas, supostas, mal-assombradas, mas sempre descobrimos que tudo não passava de uma ilusão.

No cair da noite, assim que terminei de arrumar-me, a campainha tocou, eram eles. Despedi-me de meus familiares e saí ao

encontro dos amigos. Falei com Marcos e me apresentei a todos. Alguns eu não conhecia. Não contei, mas acho que eram sete pessoas.

Fomos andando conversando e rindo até o casarão. Ao chegarmos, ficamos impressionados com a quantidade de portas, 81, como disse Marcos, parecia um grande queijo suíço.

Eu, particularmente, hesitei em entrar, mas Marcos nem titubeou, tomou coragem e entrou com muita cautela, e nós entramos juntos, também com muita cautela. Reparei que tremia uma das garotas que estava no grupo, não sei se era do frio da noite ou de medo mesmo. Todos nós estávamos com lanternas e com o passar do tempo fomos ficando com menos medo e cada vez mais admirados com a estrutura do casarão.

Nós nos separamos e cada um foi ver um cômodo diferente e cada vez que terminava de olhar, trocava de cômodo. Minutos depois, quando eu e mais outros estávamos olhando o desenho de um demônio na parede, a mesma garota que estava se tremendo, falou alto para todos ouvirem:

- Gente! Gente! Eu escutei um barulho lá fora, nos arbustos, escutem!

Nós fizemos um silêncio sepulcral, no silêncio, ouvimos o farfalhar dos arbustos, corremos para ver o que era, quando ouvimos um grunhido, saímos em disparada.

Nunca havia corrido tanto na minha vida, meus pés estavam em chamas e meu coração com taquicardia. Olhei de soslaio para os colegas, vi todos com semblante de pavor e, curiosamente, avistei uma pessoa de cabelos negros como a noite, uma indumentária branca e que estava correndo conosco, estranhei sua presença, mas logo deixei de lado, pois não havia contado o número de pessoas e algumas até que eu não conhecia. Como eu não havia falado com todos, logo, eu poderia não ter falado com ela.

Depois de vários metros percorridos, paramos um pouco para melhor respirar. Em seguida, voltamos a andar e fomos conversando e rindo sobre nossas reações, um rapaz do grupo comentou que se urinou de tanto medo que estava eu chorei de tanto rir.

Quando chegamos até uma esquina mais iluminada e povoada, eu me despedi do grupo que seguiu por outra rua oposta a minha. Eu estava sozinho nessa rua, era o que eu achava, mas, subitamente, senti uma presença, quando olhei para trás, era aquela mesma garota que eu havia, curiosamente, reparado.

Assim que a vi, senti um solavanco em meu coração e em meus olhos. Ela era linda, acho que na correria eu não tinha reparado nisso, os olhos azuis como o céu matutino, pele pálida como a lua, corpo esguio, mas feminino, boca desenhada e rubra, mãos delicadas

e rosto angelical. Falei com ela, mas era tímida e mal olhava nos meus olhos. Eu apenas disse:

- Oi! Tudo bem? Engraçado, antes de termos corrido, eu não tinha percebido você. Acho que não nos apresentamos, prazer sou Norberto.

Respondeu ela com voz suave:

- Oi! Tudo bem! Prazer em conhecê-lo, sou Júlia.

- Você mora onde? É por aqui por perto?

- Sim, eu moro logo ali.

- Posso fazer um elogio? Você é linda, parece um anjo.

- Obrigada! Ela respondeu sorrindo, envergonhada.

Nós começamos a conversar, depois fui deixá-la em casa. Papo vai, papo vem, eu fui cada vez mais me apaixonando por aquele ser tão angelical e delicado. Quando cheguei ao suposto endereço, tive outro solavanco, mas dessa vez o sentimento foi o medo, pois a casa em que havíamos parado estava, a meu ver, abandonada, mas Júlia me confidenciou que a casa estava em construção e que não tinha instalado o sistema elétrico. Concordei acenando com a cabeça.

Quando me despedi dela, a garota me deu um singelo beijo no rosto, quase caí para trás. Ela me olhou de baixo para cima, com um olhar meio dissimulado e oblíquo. Fiquei encantado com tanta beleza e doçura. Ela se virou e saiu andando em direção a sua casa e

eu tomei meu rumo, indo para a minha também. Durante todo o percurso, fiquei pensando nela.

Cheguei em casa, falei com os meus familiares e fui dormir. Eu tentei, mas não consegui, fiquei pensando nela, e o estranho é que eu estava sentindo o mesmo sentimento de quando eu havia sentido a presença dela na rua. Não me importei muito com esse sentimento, mas o considereei algo bom.

No dia seguinte, fui visitar Marcos. Quando cheguei, disse-lhe:

- E aí Marcos, tudo bem?

- Beleza, cara, entra aí!

Entrei e fui para o quarto dele. Conversamos um pouco e, depois, fomos jogar vídeo game. No meio do jogo, eu comentei com ele:

- Marcos, eu acho que estou apaixonado!

- Por quem? - Disse meio irônico.

- Por aquela garota que estava conosco, tinha cabelos negros, era caucasiana e muito linda.

- Como é? Está ficando doido? Não tinha essa menina lá, não que eu me lembre.

- Eu também estranhei, mas acho que do jeito que ela era tímida, nós não reparamos.

- Bom, eu não sei, na realidade não me lembro dela, mas você está certo.

Após alguns minutos, ele retornou o assunto e quis saber mais detalhes. Na verdade, ele quis saber se tínhamos ficado. Eu neguei, mas depois contei todos os detalhes da noite com ela. No fim da tarde, resolvi parar e voltar para casa. Despedi-me de Marcos, porém antes confidenciei que iria voltar a casa daquela garota. Saí da casa dele com essa ideia e já pensando como fazer.

Em casa, tratei de resolver meus problemas pessoais e acadêmicos. Só assim consegui tirá-la um pouco da minha cabeça. Na hora de dormir, mais uma vez fiquei pensando nela e tive a mesma sensação da noite anterior, uma presença positiva.

No dia seguinte, fui ajudar minha mãe nos afazeres domésticos e falei para ela sobre Júlia, a jovem por quem me apaixonei. Mamãe me mandou ter cuidado, principalmente por se tratar de filha alheia. Eu concordei e sorri. Ela pediu para eu apresentá-la. Aguarde, não vai faltar oportunidade.

No final da tarde, arrumei-me como se estivesse indo para o meu casamento, passei perfume e tudo. Fui sorrindo e assoviando em direção à casa dela. Já era noite quando cheguei lá. Na rua, estava eu chamando e gritando por ela, reparei que muitas pessoas passavam naquela hora, olhavam para mim como se me chamassem de louco.

Depois de uns quinze minutos chamando por Júlia, um rapaz veio correndo e me disse que ali não morava ninguém, muito menos alguém com esse nome, tive outro solavanco, dessa vez com sentimento de incredulidade. Fiquei catatônico, meio taciturno. O rapaz voltou de onde veio e depois de um tempo pensando na situação, também voltei de onde vim.

Ao chegar em casa, fui direto para o meu quarto, peguei o celular e liguei para Marcos, contei-lhe o ocorrido, e ele disse que não fazia ideia do que acontecera, mas supôs que ela tenha mentido e só me enrolado. O amigo acabou lembrando-me de um fato curioso:

- Nô, você se lembra daquele barulho nos arbustos e daquele grunhido? Pois é, era o cachorro do Zé, um dos garotos que estava conosco, disse ele gargalhando muito.

Rimos demais, despedi-me dele, fui tomar banho e arrumar meu quarto. Quando acabei tudo, eu me deitei e de novo pensei nela, mas dessa vez foi com incredulidade, pois não acreditava que Júlia havia feito aquilo comigo. Porém, mais uma vez, senti que alguém estava presente, observando. Então um calafrio e um aperto no peito tomaram conta do meu corpo, quando, de repente, o celular toca, era Marcos.

- Poxa cara, você me matou de susto.

- Desculpe, mas é que eu preciso falar um negócio com você.

- Pode dizer!

Você se lembra da Júlia antes de correremos? Não né, pois é, eu liguei para uns colegas que estavam conosco e eles afirmaram que não havia nenhuma garota no grupo. Mas o mais estranho é que um deles contou para sua mãe e sua avó. Elas se entreolharam e disseram que no passado havia sim uma garota com esse nome naquela casa e que tinha se jogado no poço por causa de um namorado que dizia que a amava, porém, na verdade, ele a traía. Então, ela vem se vingando de todos os homens que se apaixonam por ela.

Mais uma vez fiquei catatônico e taciturno, não conseguia acreditar em tais palavras, apenas murmurei:

- Meu Deus!

Enquanto essa conversa se desenrolava, aquele sentimento da presença dela ficou cada vez mais forte ao ponto de sentir até calor. Como fico embaixo do cobertor, resolvi tirá-lo. Assim que removi o cobertor que estava na minha cara, bem em cima de mim, como se estivesse flutuando, estava o corpo de uma jovem, ela estava olhando para mim. Era Júlia, seu rosto estava desfigurado, mal a identifiquei. Nesse momento, quase enfartei. De repente, ela abriu a boca com aquele monte de dentes e veio para cima de mim. Levei um susto tão grande que acabei acordando da rede na qual eu estava dormindo.

Na realidade, eu ainda estava na rede e ainda estava naquela sexta-feira à tarde. Eu apenas havia caído no sono e sonhado, e que sonho. Acordei suado, com o coração em disparada, olhei para os lados e agradei a Deus por ter sido só um sonho. Pois é, quem mandou ler e assistir tanta história de terror?

Minutos depois de ter me recomposto e me acalmado, o telefone tocou, era o Marcos:

- Rapaz, eu e uns colegas ouvimos, em um noticiário local, a história sobre uma casa. Na verdade, uma casa daquelas do tempo doronca, mal-assombrada. Existem vários relatos de aparições lá. Nós estamos pensando em ir para lá e queríamos que você fosse também, o que você acha?

João Levi Viana Tavares

3º INFORMÁTICA

## E VOCÊS PRECISAM EXPERIMENTAR

Ele tinha acordado depois de receber alguns calmantes. O psiquiatra disse que havia pessoas querendo vê-lo. Ele se levantou, e o segurança colocou uma camisa de força nele. Ele sentiu o cheiro do manicômio fora do seu quarto. Chegou a uma sala e viu quatro jovens e o psiquiatra.

- Esse é um dos nossos pacientes. Ele tem dupla personalidade, sempre pensa que está em uma casa mal-assombrada e que seus amigos morrem.

Por que ele está com uma camisa de força? Ele é agressivo?  
– Perguntou uma mulher do grupo.

- Sim. Ele matou três pessoas e, quando decidimos deixá-lo com outros pacientes, ele tentou agredir mais um. Por sorte, não aconteceu nada grave.

- É real. – Sussurrou o homem com a camisa de força. – A loucura é real e vocês precisam experimentar.

- Você sabe por que estamos aqui? Nós somos um grupo da psiquiatria, da faculdade de medicina, tentando achar novos meios de tratar pacientes dentro de um manicômio. Falou um dos jovens cuja idade era 23 anos.

- Não podem, disse o homem sorrindo. Vocês têm que provar da loucura para tentar curá-la. Eu sei como provar, eu sei!

Como? – Perguntou o outro rapaz.

- Indo na casa mal-assombrada. Nela aconteceram três assassinatos, e foi lá que as vozes me controlaram.

- Onde fica isso? Perguntou Davi muito curioso.

- Fora da cidade - disse o homem ficando agitado e quase gritando. - Na CE-060, rodeada por árvores.

- Já chega! – Falou o psiquiatra. Leve-o de volta para o quarto.

- Cuidado crianças, uma vez lá não tem escapatória, uma vez lá, ninguém vai dar ouvido a vocês, assim como fizeram comigo! - Gritou o homem no corredor manchado.

- Assim que saiu do manicômio, Davi, que estava animado, perguntou para o grupo:

- Que tal irmos a tal casa? Eu sei onde fica, mas nunca fui lá.

- Nunca ouvi falar dessa casa - disse Vitória, que parecia ser a mais inteligente.

- Foi porque o caso ficou abafado depois dos assassinatos. E, além do mais, você é nova na cidade.

- E, por que não damos uma olhada? – Falou Alice: - Nós estudamos psiquiatria e sabemos que isso só são distúrbios da mente.

- Se for servir para os nossos estudos, então eu vou - disse Marcos, que era o mais calado.

- Ótimo. Então levemos lanternas e comida. Vamos passar a noite lá. – Falou Davi agitado.

Era por volta das 18 horas, e o grupo de amigos se encontrava no carro de Marcos. A estrada estava escura e deserta.

- É aqui. – Disse Davi quase gritando.

O tempo foi passando, então, entre as árvores algo surgiu visível. Marcos estacionou o carro e desceu ligando a lanterna assim fez Vitória e também Davi. Alice pegou um saco, dentro havia sanduíches. Então eles observaram a casa. Era enorme, pintada com um branco morto, esquecido pelo tempo, dois andares. Na entrada estava escrito: “Entre e conheça o inferno de perto!”

-Ao entrar, pareceu que o ar ficou sufocante. Davi disse que, como se tratava de um casarão, eles deveriam se separar. Davi e Alice ficariam com o segundo andar. Marcos e Vitória com o primeiro.

Eles dividiram os sanduíches e começaram a andar pela casa ou pelo inferno.

Davi e Alice subiram as escadas. Lá em cima havia muito espaço, vários quartos que foram abertos um por um pela dupla. Porém no último deles, Alice sentiu um mau cheiro horrível. O cômodo estava vazio e a única coisa que enfeitava era uma janela. Então, ela viu algo no chão.

- Davi, olha aquilo no chão! Parece sangue!

- Parece mesmo. Será que um dos assassinados morreu aqui?  
Não é bom ficar nesse recinto, vamos descer.

Alice já estava saindo quando viu algo na janela. Alguém estava do lado de fora dela.

- Davi, gritou ela! Olha aqui na janela! Tem uma pessoa do lado de fora.

Quando Davi viu, puxou Alice e correu para a escada. O problema é que a escada não estava lá. Ao invés disso, tinha outro quarto e alguém nele.

- Marcos, já se passou mais de meia hora. Eu estou ficando preocupada.

- Você quer subir?

- Sim, vamos lá! Eu quero saber como estão nossos colegas.

Tinha alguma coisa encolhida no canto da parede: eles estavam vendo um garoto chorando.

- Tudo bem? – Perguntou Alice: - Qual seu nome?

Alice foi se aproximando do garoto e pode ouvir seu choro, logo depois seu sorriso.

- Tudo bem menino? Perguntou Davi dessa vez.

Alice colocou a mão no ombro dele e percebeu que ele estava falando algo. Ela aproximou seu ouvido para entender o que ele sussurrava. O garoto se virou bruscamente e cravou uma faca no

ouvido de Alice. A menina gritou de dor. O sangue começou a escorrer pelo seu corpo. Davi correu para ajudá-la e o garoto disse:

- Vocês foram avisados.

Alice caiu, e o menino puxou a faca de seu ouvido e cravou dessa vez no olho direito da moça. Davi empurrou o pestinha. Ele se levantou e rapidamente tentou cortar Davi, por sorte a faca pegou de raspão em seu braço. A criança sanguinária correu para fora. Davi tentou ouvir a respiração de Alice, porém não ouviu nada. Correu e não encontrou a porta, virou-se e não encontrou a amiga, apenas uma mancha no chão, uma janela e alguém do lado de fora.

Alice! Davi! Gritou Vitória: - Onde estão vocês?

- Calma Vih, disse Marcos. - Já olhamos em todos os quartos, só falta aquele.

Marcos e Vitória se dirigiram ao último quarto. Então Vitória avistou algo no canto da parede e concluiu que era um machado.

- Olha aquilo lá, Marcos! O que está fazendo ali? Parece novo. Disse Vitória entrando no quarto.

- Espere. Está escutando esse barulho? Parece um sussurro atrás da parede.

Marcos pegou o machado e começou a tacá-lo na parede.

- Atrás dela é o lado de fora, você não vai encontrar, vai acabar caindo.

Marcos continuou a bater o machado na parede, até ver algo, e não era o lado de fora, era o outro quarto e alguém saiu gritando de dentro dele.

- Alice! Alice! – Gritou Davi.

- O que está acontecendo? Perguntou Vitória desesperada.

- É a casa. Ela muda. E tem um garoto que matou Alice, mas o corpo dela sumiu.

Assim que Davi parou de falar, ele apareceu na porta.

- Ele! Ele matou Alice, dá-me o machado, Marcos. - Disse Davi, puxando o instrumento cortante da mão de Marcos e indo em direção ao menino.

Vitória tentou impedir seguindo Davi. O garoto apenas sorriu e falou:

- A loucura é real e vocês precisam experimentar.

Davi parou quase de frente para o garoto, então se virou e acertou o machado no rosto de Vitória.

- O que você fez? Meu Deus! Davi, você ficou louco?

- Seu Deus não está aqui, mas sim, Davi está louco. Louco como eu, como você. E agora você precisa matá-lo. Mate ele, Marcos. – Gritou o garoto sorrindo.

- Desculpe Marcos, mas eu tenho que matar você, as vezes só vão me deixar sair, se eu fizer isso.

- Não, Davi. Para! Para com isso, por favor, esse não é você.

Davi levantou o machado, mas Marcos foi mais rápido e deu um chute em seu joelho. O barulho de osso quebrado foi alto. Davi gemeu de dor e caiu assim como o machado. Marcos pegou o instrumento.

- Davi, desculpe-me. Vai ficar tudo bem. Eu vou levar você para um hospital.

- Não tem como sair, Marcos. Mate-o. Mate, mate, mate.

- Cala a merda dessa boca. – Rebateu Marcos gritando:

- Faça o que você já fez, faça novamente.

- Cala a boca, “porra”!

Marcos levantou o machado e acertou na cabeça do garoto. Quando Marcos olhou a situação, não era o infeliz que ele tinha acertado... Era Davi.

- O que eu fiz?

- Fez o que tinha que fazer.

Marcos caiu no chão e então fechou seus olhos com força. O garoto se afastou e por último disse:

- Não importa quantos remédios lhe deem. Eu sempre serei seu passado. Eu sempre serei seu pecado. Eu sempre serei seu demônio.

Então Marcos abriu seus olhos, e o quarto era outro, e uma voz o puxou para a realidade.

- Esse é um dos nossos pacientes. Ele tem dupla personalidade e sempre pensa que está em uma casa mal-assombrada e que seus amigos morrem.

Marcos levantou a cabeça e sorriu. Ele viu três pessoas na sua frente. E agora ele sabia que depois dos efeitos dos remédios iria esquecer e entrar na maldita casa com seus amigos. Na frente dele não eram seus amigos. Ele tinha certeza que viu todos três morrerem. Não importava, ele sempre acordava e nunca conseguia salvá-los, pois sempre sonhava diferente.

Quando voltou para seu quarto, Marcos viu algo no canto da parede e era um garoto.

- Olha aquilo! Não me deixe aqui. – Disse Marcos para o segurança.

- Não tem nada aí. - Respondeu o segurança, tirando a camisa de força de Marcos.

O segurança fechou a porta e o deixou dentro do quarto com o garoto que se aproximou de Marcos com uma faca, chegou bem perto do seu ouvido e falou:

- Eu sempre serei seu demônio. – Disse o garoto que por acaso era Marcos quando criança.

Gabriel Rodrigues  
2º ENFERMAGEM

## A CASA MAL-ASSOMBRADA

Há muito tempo tento entender como tudo isso aconteceu. Desde o dia em que nos mudamos para essa casa, depois de tudo que já aconteceu, não consigo passar um minuto sequer pensar em sair daqui.

Meu pai, o senhor Cavalcante, proprietário de muitas fazendas localizadas no interior do Ceará, decidiu mudar-se com sua família, inclusive eu filha única do casal. Admito, não queria vir. Adorava nossa casa, o lindo jardim e a varanda, além dos empregados que eram muito gentis.

Assim que nos mudamos não queria muito contato com as pessoas daquela região. Refugiei-me no quarto, desfiz as malas e tentei adaptar-me àquele novo ambiente. Havia muito espaço e as paredes eram de branco impecável. Tudo novo apesar da casa ser bem velha.

Essa nova casa se localizava em Guaiúba, era uma das fazendas que nunca visitamos. Assim que entrei, observei todos os detalhes. Cada local da casa parecia estar em si, um pouco de sua história. Meu quarto era de frente para um vasto campo e um pouco depois do banheiro se encontrava uma área para a criação de plantas e flores.

Ao lado da casa, havia uma árvore e nela um minúsculo pedaço de corda que só pude perceber devido à análise criteriosa de cada detalhe daqueles longos galhos que pareciam estar ali por muito tempo, e logo após a árvore, estava um lago cristalino que refletia qualquer objeto.

Foi a primeira noite naquela casa. Nunca pensei que aquela noite mudaria toda a minha vida. Não conseguia dormir de maneira nenhuma. Eram dez da noite, quando surgiu a primeira suspeita de que aquele lugar prometia surpresas que nenhum dos novos moradores poderia suspeitar. Levantei e fui à cozinha pegar um copo com água. Ao retornar ao meu quarto, aquele branco da parede já não estava da mesma forma. Estava aparecendo uma palavra que talvez estivesse escondida atrás da nova pintura que teria sido recentemente feita, e por mais estranho que parecesse, era meu nome que estava escrito lá.

As luzes piscavam, o chão tremia, e uma doce e aterrorizante voz me chamava lá fora. O vento frio me guiava até a janela que já estava aberta. O silêncio repentino me assustou, mas continuei para ver o que estava acontecendo. A corda do velho galho da árvore estava bem maior do que antes e já estava pronta para o frágil pescoço que estaria disposto a envolver-se nele. O lago aparentava estar mais profundo do que mais cedo, pelo reflexo da lua não dava

para ver o solo, algo que pela manhã se via com muita clareza e o mais estranho é que parecia ter alguém lá.

Estava em pânico, não sabia o que fazer. O que essas pessoas pretendiam fazer comigo e com a minha família? Tranquei a janela, desci as escadas e fui para o quarto dos meus pais. A porta estava aberta e nenhum dos dois estava lá. Deparei-me sozinha à procura dos dois. Estava escuro, quase sem nada de luz. Era noite de lua cheia e em alguns locais da casa tinha luminárias que pareciam estar em folhas por ficarem piscando. Fui em direção a sala em busca de meus pais e saber o que estava acontecendo. A porta da casa estava entreaberta e a luz da lua iluminava a porta como um holofote.

Não sabia mais o que fazer. Tomar coragem de abrir a porta e seguir em frente em busca de meus pais, tendo a possibilidade de ser atacada pelo desconhecido ou subir para o meu quarto e como uma boa observadora descobrir estratégia para salvar a todos. A segunda opção parecia muito boa para uma moça como eu. Subi muito rápida as escadas, escancarei a janela e observei se algo teria se modificado desde a última vez que vi.

E foi nesse momento que o meu mundo desabou. Aquele pescoço disponível era do meu pai, aquela pessoa no lago era o filho de uma das empregadas que morreu afogado e ao lado dele estava o corpo da minha mãe, que não sabia nadar. E como sei de tudo isso?

Foi aquela doce voz que me contou após ter me feito dormir para sempre e tornar-me parte da história dessa casa.

Até hoje, tento sair, mas preciso de visitantes corajosos para contar-lhes essa história e dessa forma trazer mais histórias para continuar mantendo viva a minha casa mal-assombrada.

Katharynna Gama

2º ENFERMAGEM

## A EXCURSÃO

Certo dia, um grupo de amigos resolveram viajar para um lugar onde havia uma casa mal-assombrada e nela habitavam moradores estranhos que cantavam o dia todo “feito grilos”. O lugar era enfeitado.

Uma lenda corria na cidade que uma cachoeira situada nas proximidades do casarão secou e no mesmo espaço formou um belo campo devido a uma maldição que precisava ser desfeita para a cachoeira voltar a ter água. Mas tudo isso era um mistério a ser desvendado.

Sabendo de toda a história do local, os amigos partiram em busca de uma aventura. Ao chegarem ao distrito de Água Verde, Luísa sentiu fortes arrepios que afetaram seu emocional. Seus braços, bem agasalhados, começaram a tremer, parecia um tique nervoso. Bernardo, o motorista, ficou assustado ao ser forçado por Luísa a parar o carro porque ela queria voltar para casa. Caio e Gerusa caíram na gargalhada e chamaram-na medrosa.

Bernardo ligou o veículo e seguiu viagem. Na casa, todos desceram e já se depararam com uma velha, enroladinha, sentada numa cadeira de balanço, cochilando. Ela abriu os olhos e falou que eles podiam se acomodar onde quisessem. A preferência foi pelos

quartos da parte de cima. Como chegaram tarde e cansados, foram dormir.

À meia-noite, acordaram com o barulho das janelas e portas batendo e o “cricri” dos grilos que perturbou por um bom tempo. A dúvida que pairava era se o som estridente produzido vinha dos grilos ou dos moradores estranhos. Com esses episódios e a noite muito fria, resolveram dormir todos juntos no mesmo quarto.

Na manhã seguinte, tomaram café e saíram para explorar o campo, porém não ficaram maravilhados com o que viram. O chão coberto de folhas que se mexiam sem vento, o cricri dos grilos naquele horário, risadas que não davam para identificar de onde vinham. Luísa e Gerusa começaram a chorar, entraram em desespero. De repente, uma mão fria tocou o ombro de Caio como se o empurrasse para um lugar sombrio, cheio de bizarrice, ogros verdes, princesas que pareciam com baratas cobertas por uma capa brilhante cor de ouro. Então, eles descobriram que estavam em um mundo fantástico.

Os excursionistas, em busca de quebrar uma maldição, acabaram numa armadilha criada por quem, ninguém sabe. Caio lembrou-se da palavra mágica ABRACADABRA e pronunciou em voz alta três vezes e naquele momento tudo cessou e eles puderam sair dali.

Após o ocorrido, eles retornaram da excursão com o sentimento de impotência porque tudo permaneceu como estava, mas alegres por terem enfrentado o desafio da viagem à casa mal-assombrada e saberem que do passado ficaram as memórias independentes de boas ou ruins, as histórias que o povo conta.

Antônia Bruna do Nascimento Sousa

2º ENFERMAGEM

## A MALDIÇÃO DO CASARÃO

Em uma cidadezinha simples chamada Guaiúba, no interior do Ceará, perto de Fortaleza, encontra-se o casarão de Rullemer, construído por volta de 1898, na rota do café, com o intuito de chamar atenção para a cidade de sua localização.

Com o tempo, o casarão foi esquecido, e os antigos donos acabaram morrendo, porém, antes desse acontecimento, eles juraram que a tristeza, a dor e a angústia sempre estariam presentes naquela casa e acompanhariam todos aqueles que se apossassem de seu espaço.

Anos depois, João e Beatriz se fixaram de forma indevida na propriedade e se tornaram os novos donos. Cordélia, a filha do casal, que era uma jovem muito orgulhosa, apegou-se ao imóvel, ao bem material. Tom, era o mordomo da casa e muito próximo da família, tinha dois filhos, Vitor e Yuri. Ambos se apaixonaram pela moça. Vitor, o mais velho, tinha receio de expressar seus sentimentos por ela, e Yuri, um rapaz bom e honesto, sabia que tinha que ser muito determinado para enfrentar seu irmão e a maldição do casarão.

Certo dia, João e Beatriz saíram para fazer compras na feira de Guaiúba e misteriosamente surgiu uma charrete desgovernada que acabou provocando a morte do casal. Cordélia perdeu seus pais aos 17 anos e não pode receber a herança por ser menor de idade.

Após a morte de seus genitores, ela ficou muito abatida, com dificuldade para sobreviver e manter a mansão. Um certo dia, descobriu uma passagem secreta que a levou para o alto do casarão, onde encontrou uma pilha de papel numa biblioteca. Ela começou a investigar, olhando os papéis e chegou à conclusão de que a casa foi construída bem em cima do local onde a bruxa de Salém, Bathesheba, foi queimada e que os antigos donos eram parentes dela. De repente, os livros começaram a cair de um por um da prateleira 07, da estante 08, até que restou apenas um livro nesta que, por acaso, era sobre bruxas e tinha 666 páginas.

Apavorada, ela retornou para contar aos seus pretendentes sobre a passagem secreta e os confidenciou o que encontrou, o casarão terá o mesmo destino de Bathesheba, para renascer das cinzas e acabar com a maldição.

Ana Letícia Estanislau

1º EVENTOS

## AS QUATRO MARIAS

Há muito tempo viveram no casarão abandonado quatro irmãs. Elas eram prisioneiras de si mesmas e não sabiam. Elas se chamavam Maria Furacão, Maria Tsunami, Maria Barroada e Maria Viçosa. Parecia estranho o nome delas, mas era, e isso não tirava a beleza que estas tinham.

Na casa, havia fatos que aconteciam sem sentido, como portas que se abriam sozinhas, vozes assustadoras e isso não abalavam nenhum pouco as quatro Marias. Suas rotinas eram sempre as mesmas. Até que um dia, Maria Tsunami se apaixonou pelo carteiro, Yago Pesadelo, que só o avistava de longe. Então, foi percebida a troca de olhares dos dois pela Maria Viçosa, que procurou ajudá-los, alimentando esperanças. Aconteceu que, um dia, estavam elas cuidando do jardim, quando se depararam com Yago Pesadelo chamando sua amada, falando:

-Tsunami, venha aqui, minha mutante.

E ela respondeu:

-Não posso, amado Pesadelo, minha mana Furacão não me deixa sair. E na mesma hora Maria Furacão chegou e se assustou, pois somente ela sabia que as quatro irmãs não podiam se apaixonar por humanos. Pois eram somente espíritos que ainda estavam em busca de seus destinos, portanto, vagando no mundo dos vivos. E se

acaso elas tivessem algum tipo de contato com os humanos vivos iriam padecer o resto da eternidade presas. Como a irmã temia muito o que podia acontecer, mandou as demais entrarem, Yago achou estranho e foi embora confuso.

Maria Tsunami chorava as noites e era consolada por Maria Viçosa e Maria Barroada. Passaram-se meses e nada de Yago tomar uma decisão. Porém, seu amigo, Bruno Catrevagem, o ajudou, dando a ideia de invadir o casarão e roubar sua amada.

Pesadelo concordou com o plano do amigo, e, no dia de colocá-lo em prática, foi um grande sucesso para ele. Porém uma tragédia para a Tsunami, que caiu no sono ao passar do portão. Yago chorou muito pelo fato dela não acordar. As irmãs sofriam dentro do monstruoso casarão, não pela tragédia acontecida, mas por não poderem dizer que elas eram espíritos.

Durante alguns suspiros de Tsunami, Yago Pesadelo sussurrou baixinho em seu ouvido:

- Eu te amo Tsunami, não me deixa!

Inesperadamente, Tsunami acordou e beijou seu amado... As irmãs foram libertadas de seus destinos. Mas uma voz misteriosa falou: Vocês vão continuar morando juntos no incomparável e deslumbrante casarão de Água Verde, onde tudo é possível acontecer.

Isabelle Nunes Ribeiro

1º INFORMÁTICA

## A CASA MAL-ASSOMBRADA

Na entrada da casa, já havia sinais de assombração porque se ouviam pessoas conversando, cães uivando, assim como gatos miando demais. No interior dela, as paredes escreviam sozinhas a frase: “Me dê sua alma.” Desenhavam símbolos, como o pentagrama, a pirâmide com o olho de Óros. Existia também uma cabra que há muito tempo não sabia o que era beber água porque ela estava presa. Já esgotada e naquela situação de morrer ou não morrer, ela conseguiu soltar-se depois de décadas aprisionada e foi para fora da casa à procura de água para saciar a sua sede. Porém, antes de conseguir esse feito, acabou falecendo, depois de anos segurando o cansaço, a dor e a sede.

Quando saí de lá, encontrei um dos moradores do casarão e o entrevistei. Ele dizia:

- Fui morador dessa casa por três meses. Durante esses dias acordei duas vezes à meia-noite com sede. Então desci para beber água. Na escada, eu encontrei pessoas desconhecidas subindo. Nesse momento, ouviam-se vozes, cães uivando, ruídos diferentes. Quando voltei para minha cama, essas pessoas que vi na escada estavam em reunião. Achei estranho e acreditei que eram coisas da minha cabeça. Voltei a dormir. Já na segunda vez, as mesmas pessoas estavam

novamente reunidas. Porém, no centro da roda estava um homem de preto que se direcionou para mim e disse:

- Eu te dou o passaporte para minha terra.

Então perguntei:

- A que terra você se refere?

O homem de preto respondeu:

A terra onde habitam os meus espíritos, os meus demônios.

Ha! Ha! Ha! Ha!

- Nãããããããããã...

No dia seguinte, retirei-me da casa e fui morar em outra região do interior.

Lucas Mota Rodrigues

1º INFORMÁTICA

## MEDO

Era uma vez o medo. Então, qual seria a reação de alguém ao ver algo fora do normal, fora da realidade, talvez um grito de susto seja a resposta ou até mesmo correr para o mais longe possível, mas o que acontece se nada funcionar, se o medo seguir esse alguém até um beco sem saída, se a única alternativa for confrontá-lo, será que seria possível?

Muitos dos que obtiveram esse destino, não conseguiram sequer sobreviver uma semana completa. Alguns se enforcaram, outros puxaram o gatilho de suas armas postas em suas bocas. Um homem decidiu fazer diferente, olhou o medo no olho e cuspiu em sua cara. Sua cabeça foi literalmente arrancada, separada de seu pescoço, amassada e pendurada no alto de um poste, em frente a uma estátua do medo, banhada todos os dias pelo sangue dos corpos das vítimas do medo, que depois de terem todo o seu sangue retirado foram esquartejados e adicionados ao banquete que o medo ofereceu a si mesmo todos os dias.

Aparência própria, ele não possui. Não que alguém saiba ou tenha visto, a aparência assumida é a do maior medo da vítima, como da vez em que ele assumiu a aparência de uma bela mulher carregando uma linda bolsa. Seduziu sua vítima, levou-a para um quarto da casa mal-assombrada, aguardou até o momento em que ela

retirou toda a roupa que vestia, então, retirou de sua bolsa uma faca e arrancou-lhe as orelhas. A reação dela foi o maior grito que o medo já ouviu. Em seguida, ele utilizou novamente a faca e continuou cortando dessa vez a língua, arrancou com suas próprias mãos os olhos, levou o corpo da vítima para banhar a estátua e depois retirou as partes mais saborosas para seu banquete.

Ele está presente em todo lugar, não dorme ou acorda, não sente fome, come apenas por diversão. Quem o enfrenta até hoje, apenas um homem encontra o fim rapidamente. Ele está entre as pessoas, escolhendo a próxima vítima, cuidado, pode ser você.

Ramon dos Santos Mesquita

1º SEGURANÇA DO TRABALHO

## MEDO - O BECO ESCURO

Como se não bastasse tudo o que já havia ocorrido, maus presságios, falatórios assombrosos, o destino decidiu se divertir um pouco com a situação em que o mundo se encontra. Em meio a dois escravos do medo, de sexos opostos, ocorreram relações e um novo ser surgiu diante de toda aquela destruição. O medo resolveu que deveria comer o pobre recém nascido em seu jantar.

Sentado em sua mesa, ordenou aos pais da criança que a colocassem em cima desta, obedecendo às ordens, a inocente foi colocada onde ele mandou. Sem perder tempo, o medo a engoliu totalmente. Após alguns segundos, ele assumiu a forma de um homem, começou a tremer e tossir. De repente, sua cabeça explodiu na altura do cérebro, olhos e outros órgãos. Então se pôde ver o bebê que ele havia engolido imerso em sangue e ouvir seu choro. Obviamente o ator principal não foi destruído, mas, rapidamente, assumiu outra forma, dessa vez um lobo, que com uma mordida, arrancou a cabeça da mãe do pequeno anjo e com o rosto atravessou o pai, partindo-o ao meio, logo, em seguida, pisou na cabeça do pequenino, esmagando-a.

Esta é apenas mais uma história sobre às vezes em que algo ou alguém tentou acabar com a soberania do medo nos humanos. Afinal esse sentimento está presente em todas as pessoas, todos são vítimas dele. Porém, ele pode ser vencido quando se dá conta que se pode enfrentá-lo com um sentimento muito mais forte e nobre chamado coragem, mesmo estando em um beco escuro e sem saída escravizado por esse vilão que tanto atormenta a vida das pessoas.

De certo modo, o medo ficou entediado com a destruição total e com a soberania absoluta sobre o homem, então ordenou que seus servos construíssem um templo, onde repousou.

Apenas um conselho pode lhe ser dado:

- Reze, reze para que quando ele despertar, você já esteja morto para ele, pois, se vivo estiver, enquanto a figura reinar, mais

cedo ou mais tarde verá suas vísceras serem arrancadas e servidas como prato principal num banquete que jamais terá fim.

Ramon dos Santos Mesquita – 1º SEGURANÇA